



Anais do Congresso Nacional de Ensino de Ciências e Formação de Professores,
Volume 4 (2024), ISSN: 2526-7485

ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES INDÍGENAS EM LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

Autor¹ Paulo Henrique Soares Chaves
Co-autor² Ana Flávia Vigário

Eixo 06: Saberes, diversidade e multiculturalismo.

Resumo: Uma voz indígena escancara questões sobre como os povos originários silenciados e inferiorizados têm sido representados em peles de papel. Neste artigo, as "peles de papel" representam os livros didáticos usados nas escolas brasileiras, com um foco especial na representação dos povos indígenas. Este trabalho foi elaborado a partir de uma pesquisa documental e uma abordagem qualitativa, com análise de conteúdo dos registros encontrados na coleção didática selecionada para a pesquisa. Neste estudo, a ênfase recaiu sobre a disciplina de Biologia. A análise se pautou em uma abordagem crítica, observando não apenas o conteúdo explícito, mas também as mensagens implícitas e os vieses presentes nos materiais didáticos. Consideramos como esses livros abordam a história, a cultura e o conhecimento dos povos indígenas, contrastando essas representações com as perspectivas e narrativas indígenas autênticas.

Palavras-Chave: povos indígenas, coleções didáticas, práticas culturais.

INTRODUÇÃO

Uma voz indígena escancara questões sobre como os povos originários silenciados e inferiorizados têm sido representados em peles de papel ao afirmar:

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte. [...] Eu não aprendi a pensar as coisas da floresta fixando os olhos em peles de

¹ *Discente da Licenciatura em Ciências Biológicas, UFCAT, paulohenrique@discente.ufcat.edu.br*

² *Docente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, UFCAT, afigario@ufcat.edu.br*





papel. Vi-as de verdade, bebendo o sopro da vida de meus antigos com o pó de yãkoana que me deram. [...] Entretanto, para que minhas palavras sejam ouvidas longe da floresta, fiz com que fossem desenhadas na língua dos brancos. Talvez assim eles afinal as entendam, e depois deles seus filhos, e mais tarde ainda, os filhos de seus filhos. Desse modo, suas ideias a nosso respeito deixarão de ser tão sombrias e distorcidas e talvez até percam a vontade de nos destruir. Se isso ocorrer, os nossos não mais morrerão em silêncio, ignorados por todos [...]. (KOPENAWA; ALBERT, 2021, p. 75-76)

Neste artigo, as "peles de papel" representam os livros didáticos usados nas escolas brasileiras, com um foco especial na representação dos povos indígenas. A escola é vista como um espaço dinâmico onde professores e alunos experienciam a contínua interligação entre currículo e conhecimento, inseridos em um contexto sócio histórico marcado por conflitos políticos e econômicos, tanto locais quanto globais. O campo disciplinar é apenas um dos muitos elementos entrelaçados nesse processo. Neste estudo, a ênfase recairá sobre a disciplina de Biologia. É importante salientar que a fragmentação e especialização do conhecimento científico se refletem no ambiente escolar através das práticas, discursos e materiais didáticos, incluindo os livros didáticos (LDs). Esses materiais são usados para complementar o trabalho do professor, seja no planejamento das aulas, como fonte de atividades em sala ou como tarefas para casa, conforme observado por Artuso (2013) e Rosa e Artuso (2019).

A análise se pautou em uma abordagem crítica, observando não apenas o conteúdo explícito, mas também as mensagens implícitas, em textos e imagens, e os vieses presentes nos materiais didáticos. Consideramos como esses livros abordam a história, a cultura e o conhecimento dos povos indígenas, contrastando essas representações com as perspectivas e narrativas indígenas autênticas, e integrada ao saber biológico.

Além disso, este estudo visou fomentar uma reflexão mais ampla sobre a necessidade de descolonizar o currículo escolar, promovendo uma educação que reconheça e valorize a diversidade cultural e os saberes tradicionais dos povos indígenas.





Espera-se que, ao trazer essas questões à tona, possamos contribuir para uma educação mais equitativa e justa, onde todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas.

METODOLOGIA

Este trabalho foi elaborado a partir de uma pesquisa documental e uma abordagem qualitativa, com análise de conteúdo dos registros encontrados na coleção didática selecionada para a pesquisa. A pesquisa foi elaborada a partir de uma coleção de livros didáticos (LDs) de Ciências Biológicas utilizados no ensino médio da rede pública de ensino de Catalão. Para tal, realizamos o levantamento das coleções didáticas a partir do site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Com base nessa fonte, foi elaborada uma tabela contendo as principais coleções utilizadas nas escolas públicas do município de Catalão, Goiás. Nessa etapa foi possível identificar as coleções mais adotadas, destacando-se "Biologia Hoje", "Contato Biologia" e "Ser Protagonista". Dentre essas, foram selecionados os livros da coleção "Contato Biologia" - autoras/es Marcela Yaemi Ogo e Leandro Pereira de Godoy, editora Quinteto - edição de 2016, como objeto de pesquisa, pois foi a segunda coleção mais utilizada em Catalão e seu PDF estava disponível gratuitamente na internet. Não foram utilizadas edições mais recentes devido à indisponibilidade de versões gratuitas online.

Com a coleção selecionada, foram definidas as palavras chaves para efetuar a busca no conteúdo dos livros. Para definir quais as palavras chaves que seriam utilizadas, foram consideradas palavras que se referir a povos indígenas, considerando tanto termos relacionados à cultura, língua, artefatos e até palavras que pudessem indicar estereótipos e/ou preconceitos, como por exemplo: “tribo”, “aldeia”, “caça”, “flecha”, “índio”, “primitivo”. Além das palavras “povos indígenas” “indígena”, “Tupi”, “Guarani”, “Pataxó”. Com as palavras chaves definidas, se deu a busca no conteúdo da coleção didática, selecionando textos e imagens que estivessem ligados à representação desses





povos.

A seguir estão relatados e discutidos os resultados dessa pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As palavras chaves que nortearam essa pesquisa tiveram diferentes números de ocorrências dentro da coleção. A palavra “Indígena” teve uma ocorrência de (16) dezesseis vezes dentro dos textos, enquanto “Povos Indígenas” apareceu (8) oito vezes. As palavras “Tribo”, “Índio”, “Caça” e “Aldeia” foram citadas uma vez cada dentro da coleção. Já outras palavras como “Guarani” e “flecha” tiveram (2) duas citações cada e “Tupi” teve uma ocorrência de (5) cinco vezes. Os termos “Primitivo” e “Selvagem”, não foram encontrados na coleção se referindo aos povos indígenas. Vale ressaltar que todas as ocorrências das palavras chaves se deram dentro de box de conteúdo complementar, denominado “Biologia e Cultura”, não foi encontrado nenhuma ocorrência dentro do texto principal dos capítulos.

A crença dos povos indígenas é citada no volume 1 da coleção, onde mostra como os povos Kamayurá compreendem a criação humana e, como podemos observar na figura 1, é citada dentro do box “Biologia e Cultura”, como uma “curiosidade” relacionada ao tema do capítulo que é sobre a origem da vida”.

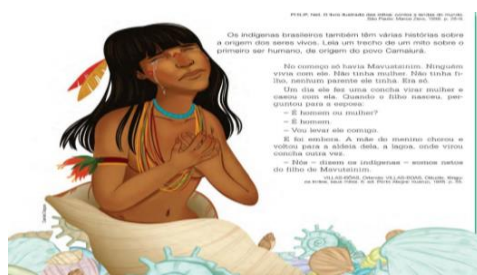


Figura 1. Texto e ilustração sobre os povos Kamayurá no volume 1 da coleção.

Fonte: OGO; GODOY, 2016, p. 38.



Ainda no volume 1 temos a representação de uma mulher do povo Kalapalo produzindo o beiju, comida de origem indígena amplamente conhecida e consumida. O texto que acompanha a imagem cita a crença em torno da mandioca/aipim que na crença indígena nasceu da sepultura da menina Mani, a qual é fruto de uma gravidez de uma virgem.



Figura 2. Mulher indígena do povo Kalapalo preparando o beiju. Fonte: OGO; GODOY, 2016, p. 139.

Os povos indígenas são citados novamente dentro da coleção, porém no volume 2, onde, logo nas primeiras páginas, a coleção já traz uma foto de uma indígena, na qual o texto não especifica se é uma mulher ou homem, apenas cita como “indígena”, da etnia Pataxó (Fig.3), com um breve texto citando como esses indígenas compreendem as doenças, como apresentado a seguir:

“Para os povos indígenas, as doenças são consideradas espíritos maus que entram no corpo das pessoas. Acreditam que elas devem ser tratadas com elementos retirados da natureza ou que são próprios da sua cultura, como óleos, ervas, fumaças, amuletos, cantos e danças. Por essas e outras razões, os indígenas desenvolveram um grande conhecimento das espécies animais e vegetais que o cercam [...]” (OGO; GODOY, 2016, p. 139).





Figura 3. Imagem de mulher indígena Pataxó nas páginas do segundo volume da coleção. Fonte: OGO; GODOY, 2016, p. 11.

Essa inclusão logo nas primeiras páginas do livro é importante porque reconhece a maneira como os povos indígenas entendem e tratam as doenças, dando ênfase à ligação entre as práticas culturais e o conhecimento biológico. Apesar disso, é importante analisar a profundidade dessa representação. Embora o livro reconheça a sabedoria indígena em relação a doenças nesse texto, essa foi a única vez que esse assunto foi citado, e ainda foi citado como um box “Biologia e Cultura”, não como parte integrante do conteúdo apresentado. Dessa forma, os boxes de textos complementares ficam como um anexo ao material principal, podendo ou não ser tratado pelas/os professoras/es e estudantes.

Ainda dentro do volume 2 temos um outro box “Biologia e Cultura” (Fig. 4), citando o conhecimento de povos indígenas com o uso de toxinas de sapos em flechas utilizadas para caça. O texto da figura 4 apresenta como citado os povos indígenas nativos da Colômbia que utilizam as toxinas das peles dos do sapo para envenenar as flechas usadas na caça de animais. Cita também outros povos como os Katukina e Kaxinawá, que





realizam a aplicação de toxinas de pererecas conhecidas como kambô no próprio corpo em uma técnica conhecida como “vacina do kambô”.

Explicar o desenvolvimento desta técnica e sua importância cultural ajuda a evitar que a informação seja simplificada ou tratada de forma exótica. Por exemplo, é essencial destacar que, para os povos indígenas, o uso de toxinas de sapos vai além de uma mera técnica de caça. Como cita JUNIOR e MARTINS (2020), essa prática está profundamente enraizada em significados culturais e espirituais. Eles não apenas utilizam o veneno como ferramenta, mas veem essa prática como uma interação harmoniosa com a natureza, respeitando e entendendo profundamente os ciclos ecológicos.



Sapo-veneno-de-flecha (*Phyllabates terribilis*).

Perereca kambô (*Phyllomedusa bicolor*).

Figura 4. Box de curiosidade cujo texto cita o conhecimento indígena sobre toxinas de anfíbios e seu uso cotidiano. Fonte: OGO; GODOY, 2016, p. 200.

No volume 3 da coleção foi encontrada apenas uma ocorrência que cita povos indígenas, como pode ser observado na figura 5. O texto fala sobre cultura humana e como as novas gerações aprendem com as gerações passadas. Um recorte importante nessa imagem pois retrata povos indígenas com naturalidade ao falar da vida em sociedade, o que deveria ser normalizado em outras citações e representações desse contexto, já que quase sempre usam de estereótipos para essas retratações.



Figura 5: Indígena idoso guarani contando histórias para as crianças da aldeia Pindo-te, em Pariquera-Açu, São Paulo, em 2010. Fonte: OGO; GODOY, 2016, p. 161.

Diversas/os autoras/es (Freire, 2002; De Oliveira; Rosa; Furtado, 2021; Verrangia e Silva, 2010), pesquisaram sobre essa temática em livros didáticos. Oliveira, Rosa e Furtado (2021) reforçam que desde o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) de 2007 já traziam como objetivo a preocupação em não reforçar estereótipos e preconceitos, valorizando a pluralidade étnico-racial e que também contemplasse as diversidades econômico-social, cultural, de gênero, religiosa entre outras. Entretanto, vimos que esse desafio ainda precisa ser transposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada, podemos indicar que os povos indígenas ainda são invisíveis à nossa sociedade, tendo em vista que são utilizados como exemplos de curiosidades ou práticas culturais diferentes que orbitam em torno de temas específicos dos livros didáticos, mas que ainda não são incorporados ao conteúdo geral. Quando ocorre a referência aos povos indígenas, eles são “classificados” de maneira genérica, reafirmando suas práticas culturais como estereótipos destes grupos, com suas línguas, em seus diferentes espaços, em suas formas sociais de organização e cultura (LEMOS, 1999).





A representação dos povos indígenas nos livros didáticos de Biologia frequentemente perpetua a invisibilidade e estereotipação desses grupos, situando-os como elementos do passado, exóticos e ignorando sua contínua produção de cultura e conhecimento. Tal abordagem genérica e homogênea desconsidera as diversidades étnicas, linguísticas e culturais, contribuindo para a marginalização dos povos indígenas e reforçando uma visão eurocêntrica e colonizada do conhecimento. Ainda há muito o que se fazer para construir currículos e materiais didáticos na perspectiva decolonizadora.

Para promover uma educação mais equitativa e justa, é necessário desconstruir o currículo escolar, reconhecendo e valorizando a diversidade cultural e os saberes tradicionais dos povos indígenas. A inclusão de narrativas indígenas autênticas nos materiais didáticos enriquecerá o aprendizado dos alunos e contribuirá para a construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente da sua diversidade cultural.

Revisar e reestruturar os livros didáticos é um passo importante para corrigir erros históricos e preparar os alunos para uma convivência respeitosa e harmoniosa com todas as culturas que compõem o nosso país.

REFERÊNCIAS

ARTUSO, A. R. Usos do livro didático de física segundo alunos. In: IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (IX ENPEC). 2013. Águas de Lindóia, SP.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Estabelece a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

FREIRE, A imagem do índio e o mito da escola. In MARFAN, Marilda A. org. Congresso Brasileiro de Qualidade Na Educação- Formação de Professores: educação escolar indígena, Brasília: MEC, 2002, p.93-99.

GATTY JÚNIOR, Décio. Estado, Currículo e Livro Didático no Brasil (1988-2007) in: LEMOS, César de Miranda. Os índios invisíveis: o ensino de História sem etnicidade, in: Maria Cristina Bohn Martins As sociedades indígenas, a história e a escola Antíteses, vol. 2, n. 3, jan /Jun. 2009, p. 153-167.





JÚNIOR, V. H.; MARTINS, I. A. KAMB: um enigma amazônico. *Journal of Venom Research*, [tradução], v. 10, p. 13-17, 26 maio de 2020. PMID: 32566126; PMCID: PMC7284396.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p 75-76

MONTEIRO, Elzanir Leandro Bandeira. O negro nos livros didáticos de história dos anos iniciais do ensino fundamental após a lei 10.639/03. 2018. Disponível em: <<https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/ELZANIR-LEANDRO-BANDEIRA-DA-SILVA-MONTEIRO.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2023.

NANI, Paula Furtado. A lei 10.639 e a representação dos negros em livros didáticos de história: um levantamento bibliográfico. 2019. 30º Simpósio Nacional da ANPUH. Disponível em: <https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1554773147_ARQUIVO_trabalhocompletoAnpuhPaulaNani.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2023.

Ogo, Marcela Yaemi; GODOY, Leandro Pereira de. *Contato Biologia*. Vol.1. Quinteto. 1ª ed. São Paulo. 2016

Ogo, Marcela Yaemi; GODOY, Leandro Pereira de. *Contato Biologia*. Vol.2. Quinteto. 1ª ed. São Paulo. 2016

Ogo, Marcela Yaemi; GODOY, Leandro Pereira de. *Contato Biologia*. Vol.3. Quinteto. 1ª ed. São Paulo. 2016

ROSA, Marcelo D.'Aquino; ARTUSO, Alysso Ramos. O uso do livro didático de ciências de 6º a 9º ano: um estudo com professores brasileiros. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, p. 709-746, 2019.

SEVERO, Lara de Freitas. O negro nos livros didáticos: um enfoque nos papéis sociais. 2013. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-negro-nos-livros-didaticos-um-enfoque-nos-papeis-sociais/>>. Acesso em: 02 mai. 2023.

